

## CONHECIMENTO E EXPERIÊNCIA ENGAJADA EM PIERRE BOURDIEU E NORBERT ELIAS

*Nilvanda Barbosa Dantas*

Universidade Federal da Paraíba/CCHLA-PPGS, nilvandadantas@yahoo.com.br

**Resumo** - Nossa proposta nesse artigo é trazer à luz uma reflexão sobre a produção do conhecimento na perspectiva bourdieusiana e elisiana, a partir da experiência engajada, ou seja, a partir de um conhecimento que se efetiva no mundo social pensado relacionalmente e suas possibilidades de operacionalização através da ação engajada de seus agentes. Esses, em seu campo específico, têm um conhecimento prático do mundo e investem esse conhecimento prático nas suas atividades cotidianas, através da experiência social, o trabalho pelo qual, o indivíduo pode construir uma identidade social ao articular as diversas lógicas de ação nas quais está engajado.

**Palavras-chave:** Conhecimento, experiência, ação engajada, habitus, espaço relacional.

**Área do Conhecimento:** Ciências Humanas

### Introdução

Em Bourdieu o conhecimento prático do mundo social serve-se de esquemas classificatórios. Tais esquemas classificatórios (estruturas estruturantes) são essencialmente o produto da incorporação de estruturas das distribuições fundamentais que organizam a ordem social (estruturas estruturadas). Sendo por conseguinte comuns ao conjunto dos agentes inseridos nessa ordem. E é o *habitus*, então, que organiza e gera as essas práticas. De modo que cada um adquire e demonstra, para os portadores do mesmo *habitus*, um sentido do seu próprio lugar no espaço social. assim como um sentido do lugar dos outros agentes.

Através do *habitus*, constrói-se um mundo de senso comum. Nessa perspectiva, o senso comum é “um fundo de evidência partilhadas por todos que garante, nos limites de um universo social, um consenso primordial sobre o sentido do mundo, um conjunto de lugares comuns (em sentido amplo), tacitamente aceitos que tornam possíveis o confronto, o diálogo, a concorrência, até mesmo o conflito, e entre os quais cumpre dar um lugar à parte aos princípios de classificação, tais como as grandes oposições que estruturam a percepção do mundo” (BORDIEU, 2001, p.118-119).

Dessa maneira, o *habitus* geralmente é confirmado e reafirmado pelas experiências da maioria das pessoas. Esse *habitus* aparece como um princípio gerador de atitudes, não uma regra fixa, pois há espaço para improvisação e mudanças, dentro da estrutura proporcionada por estas disposições incorporadas.

Assim, “os agentes sociais que têm o sentido do jogo, que incorporaram uma cadeia de esquemas práticos de percepção e de apreciação

que funcionam, seja como instrumentos de construção da realidade, seja como princípios de visão e de divisão do universo no qual eles se movem, não têm necessidade de colocar como fins os objetos de sua prática” (BOURDIEU, 1996).

A partir disso, entende-se os agentes como produtores não apenas de classificações, mas também de atos de classificação, pois são eles mesmos classificados.

Na perspectiva bourdieusiana, o *habitus* processa-se como um sistema cognitivo e estrutura motivadora. Através dos sistemas simbólicos, enquanto operadores de integração cognitiva, o *habitus* promove pela sua lógica a integração social de uma ordem arbitrária que coordena o princípio. E, neste sentido, pode-se compreender que “o arbitrário situa-se no princípio de todos os campos, até dos mais “puros”, como os mundos artísticos ou científicos: cada um deles possui sua “lei fundamental”, seu *nomos* (palavra que se traduz em geral por “lei”) [...]” (BORDIEU, 2001, p.117).

Contudo os campos em si não são arbitrários mas nascem como construtos auto-referenciados, constituindo-se sistemas fechados de relações entre conceitos, modelos, teorias, que precisam ser submetidos a teste, à análise e correção no que se refere as suas relações com a realidade. O próprio campo pode se modificar, o indivíduo pode mudar de posição, entre outras tantas possibilidades.

Nesse sentido, Bourdieu ressalta, “como a ordem pascaliana, cada campo confina assim os agentes e seus próprios móveis de interesse os quais, a partir de um outro ponto de vista, ou seja, do ponto de vista de um outro jogo, tornam-se invisíveis ou pelo menos insignificantes ou até ilusórios: [...]” (BORDIEU, 2001, p. 117-118).

Para Bourdieu, não passa de uma ilusão acreditar que existe um método, uma filosofia pura do conceito ou um trabalho científico imparcial que desconsidere as regras do jogo. O reconhecimento das regras do jogo em um campo determinado implica num *habitus* que funciona como esquema de ação, de percepção e de reflexão. Isso corresponde um investimento no jogo, participar desse jogo é ter o jogo no corpo (gestos, posturas) e na mente (formas de ver, de classificar). O *habitus*, portanto, é o produto da experiência individual e da experiência histórica coletiva, matriz geradora da interação entre essas experiências.

Acredito ser esse o ponto de aproximação entre a interpretação de *habitus* bourdieusiana e a elaborada por Elias, pois o autor considera um sujeito composto por várias “camadas”, produtos de experiências vividas ao longo de uma trajetória de vida.

Ao problematizar os fundamentos históricos da razão, em seu livro **Meditações Pascalianas** (2001), Bourdieu coloca em foco a legitimidade do discurso científico na perspectiva de compreender como esse se opera na prática do sociólogo, para isso, ele toma a prática não como execução de uma regra exterior, no que se opõe à lógica escolástica, mas como conhecimento que só pode ser compreendido em relação a uma legalidade interna.

Portanto, “[...] as estruturas de pensamento do filósofo, do escritor, do artista ou do erudito, bem como os limites do que se lhes impõe como pensável ou impensável, são sempre dependentes, em certa medida, das estruturas de seu campo, portanto da história das posições constitutivas desse campo e das disposições nele favorecidas” (BOURDIEU, 2001, p. 120).

Daí que “cada campo é a institucionalização de um ponto de vista nas coisas e nos *habitus*” (BOURDIEU, 2001, p. 121).

A incorporação de um *habitus* adaptado ao campo significa fazer o que é apropriado mesmo sem um cálculo racional. Nesse sentido o conhecimento do mundo social deve levar em consideração um conhecimento prático desse mundo. Isso pressupõe uma conduta razoável de seus agentes, mesmo que, em determinadas situações, não o seja.

Bourdieu defendia a necessidade de uma Sociologia da produção de conhecimento, pois conhecimento é poder e, como tal, precisa ser desconstruído como a atividade política que é. O campo intelectual é um campo como os outros, com relações próprias de poderes, que precisam ser estudadas e objetivadas. Nesse sentido o *habitus* inclui no objeto do conhecimento o próprio agente que tem do próprio objeto a contribuição que tal conhecimento traz à realidade. É esta reflexividade que permite a construção de uma

verdade científica, pois, para Bourdieu, a razão é um produto histórico único, por ser capaz de transcender à história a partir da reflexão sobre suas próprias limitações.

Assim, superado o paradigma da objetividade neutra, “renunciando ao absolutismo do objetivismo clássico, sem se condenar ao relativismo” (BOURDIEU, 2001, p. 146), é possível compreender alguns benefícios na análise engajada, contanto que o próprio observador faça um esforço de se inserir nessa mesma ordem, como um co-partícipe nas relações dialéticas entre as estruturas engajadas e as disposições estruturadas nas quais se atualizam permanentemente, num duplo processo de interiorização da exterioridade e de exteriorização da interioridade.

Na sociologia elisiana, conhecida tanto por sociologia figuracional como por sociologia processual, inaugura uma metodologia própria e rompe com o paradigma clássico ao abdicar do sentido de relações e leis causais, “substituindo a causalidade linear que liga as substâncias separadas pela circularidade da independência das funções” (ELIAS, 2001, p. 118). Além disso, ainda critica as teorias atomísticas e holísticas que tendem a imaginar a existência de indivíduos isolados.

A teoria de Elias é de base empírica e sua proposta versa sobre a natureza do conhecimento das sociedades humanas. A partir disto, o modelo operacional por ele criado visa compreender o desenvolvimento do pensamento na construção do saber por intermédio da dinâmica dos conceitos envolvimento e deslocamento, estes compreendidos como elementos dependentes do inter-relacionamento dos impulsos do pensamento e da ação que organiza o conhecimento. Para ele, “é preciso compreender a relação do conhecimento e do comportamento humano, o próprio conhecimento científico sendo uma possibilidade engendrada pelo estágio da sociedade” (LANDINI, 1996, p. 102). Nesse sentido, o desenvolvimento da sociedade apresenta-se na teoria elisiana como o processo a partir do qual pode-se construir conhecimento.

Kilminster (2004) observa uma proximidade entre Elias e Weber no que se refere ao trato da relação implicada entre pesquisador-objeto. Weber defende que os sociólogos deveriam suspender certos valores na perseguição do ideal do valor liberdade.

Com efeito, são as ações que temos consciência de haver executado racionalmente que fazemos acompanhar geralmente do mais alto grau de sentimento empírico de “liberdade”, ou seja, as que praticamente sem constrangimento físico ou psíquico, sem afeições pessoais e perturbações “acidentais” que embarcem a clareza do julgamento; enfim, aquelas pelas quais

persequimos um “fim” claramente consciente graças aos “meios” mais adequados segundo nosso conhecimento. (WEBER, 1965, apud. FREUND, 2006, p.25).

Elias se contrapõe ao racionalismo Weberiano, criando uma estrutura teórica a partir de cuja perspectiva as questões baseadas em valores científicos foram transformadas. Nesse contraponto ao individualismo weberiano, Elias acentua a interdependência que se observa na dinâmica figuracional, donde o saber é resultado das experiências humanas em relações.

A análise figuracional é “um método que visa garantir a quem pesquisa maior distancia e autonomia em relação aos critérios de valor, muitas vezes fúteis e passageiros, que surgem das grandes facções em que os pesquisadores de cada época estão envolvidos” (ELIAS, 2001, p. 217). Assim, essa interdependência que se observa na dinâmica figuracional possibilita um nível de integração que promove conhecimento a partir do modo como as ações e experiências entre os indivíduos se interpenetram, formando um certo tipo de configuração.

Tal configuração seria, portanto, uma abrangência relacional, o modo de existência do ser social. Essa dinâmica se observa em sua obra *Os estabelecidos e os outsiders* (2000), a exemplo do que acontece na pequena *Winston Parva*. Ali, criou-se uma determinada figuração marcada pela existência de um grupo de moradores antigos da “aldeia”, que se colocavam como pessoas de valor humano mais elevado que o dos moradores do “loteamento” construído em época mais recente e, por isso, estigmatizados pelos primeiros. Os estabelecidos contra os outsiders, compõe uma figuração na qual Elias identifica uma constante universal que se expressa nas experiências em relações donde, “o grupo estabelecido atribuía aos seus membros características humanas superiores; excluía todos os membros do outro grupo de contato social não profissional com seus próprios; e o tabu em torno desses contatos era mantido através de meios de controle social como a fofoca elogiosa no caso dos que o observavam, e a ameaça de fofocas depreciativas contra os suspeitos de transgressão” (ELIAS, 2000, P.20).

Tomando como unidade social de referência os grupos estabelecidos e os não estabelecidos, Elias identifica um determinado modelo figuracional, que pode “funcionar como um paradigma empírico” (Idem, p.21). É importante destacar que o sentido figuracional é usado para ilustrar redes de interdependência entre indivíduos e a distribuição de poder nessa relação de interdependência. Essa dinâmica se assemelha a Modelos de Jogos, propostos por Elias e por ele denominados como “modelos de competição”, em que se apresentam duas possibilidades, interação

e interdependência. Esse modelo aplicado ao estudo da sociedade possibilita:

Compreender muitos aspectos do comportamento ou das ações das pessoas individuais se começarmos pelo estudo do tipo da sua interdependência, da estrutura das suas sociedades, em resumo, das configurações que formam uns com os outros (ELIAS, 2005, p. 79).

Assim, Elias não tem uma visão estática dessas configurações e busca captá-las em contínuo processo de constituição e transformação na sociedade. A atenção de Elias está voltada não para o indivíduo como em Weber, mas para as interdependências entre os indivíduos. Nessa teia de interdependência, as configurações não podem ser planejadas, programadas ou previstas, pois são construídas e redimensionadas o tempo todo, sendo que as ações entre os indivíduos não são tratados separadamente, isto pelo fato de que indivíduo e sociedade não são dissociáveis. Nessa perspectiva Elias denuncia a cisão entre ciências humanas e naturais como produto do desenvolvimento de um conhecimento estanque e particularizado.

A proposta elisiana pretende superar dualismos existentes, indivíduo/sociedade ou vontade livre/determinismo, no processo de construção do saber. Em Elias, o conhecimento que nasce da experiência tem origem em um pensar livre. A partir envolvimento e deslocamento é possível captar a trama tecida nas relações de interdependência pela qual se organiza e se estrutura os processos sociais que se efetivam na dinâmica figuracional exercida pelos indivíduos entre si e com a natureza. Tais processos são entendidos não como uma relação dualista entre dois opostos, mas sim como um equilíbrio de tensão dinâmico entre o impulso de agir e a própria ação. Daí resulta um equilíbrio de poder, sendo que este “não é um amuleto que um indivíduo possua e outro não; é uma característica estrutural das relações humanas – de todas as relações humanas” (ELIAS, 2005, p. 81).

Portanto, a tendência ao equilíbrio de poder está sempre em jogo e presente onde houver uma interdependência funcional entre os indivíduos, isso porque “só podemos falar de funções sociais quando nos referimos a interdependências que constroem as pessoas, com maior ou menor amplitude” (ELIAS, 2005, p. 84), a partir do autocontrole. Desse modo, a tensão entre o impulso de agir e o próprio ato, gradualmente assume na instância mediadora do superego a função de consciência autorizada a partir do equilíbrio entre o id (instância relacionada aos processos psíquicos instintivos e pulsionais) e o ego (instância mediadora entre as duas forças contrárias). Desse modo, “o equilíbrio resultante entre essas instâncias controladoras e as pulsões em grande variedade de níveis, determina como

as pessoas se orienta em suas relações com outras, em suma, determina aquilo que chamamos, segundo o gosto, de hábitos, complexos ou estrutura da personalidade” (ELIAS, 1993, p, 205).

Nesse processo ocorre uma conseqüente moderação dos impulsos a partir do autocontrole, promovendo assim, um nivelamento equilibrado das funções psíquicas que tem como resultado um nível mais alto de organização e interdependência social.

Assim a noção de interdependência está intimamente ligada à noção de equilíbrio, visto que “o equilíbrio de poder está sempre presente onde quer que haja uma interdependência funcional entre pessoas” (ELIAS, 2005, p. 81). A partir dessa rede de interdependência, Elias afirma que “é possível elaborar teorias sobre as estruturas emocionais do homem em geral, com base no estudo de pessoas em uma sociedade específica” (ELIAS, 1994, p. 214).

Enfim, a partir dessa breve visada nos constructos teóricos de Bourdieu e Elias, constatamos que o conhecimento que nasce da experiência introduz uma nova maneira de tratar a questão do espaço relacional. Suas proposta conceituais possibilita uma nova forma de operacionalizar a produção do conhecimento, donde o saber é resultado das experiências em relação que se configura a partir da dinâmica do processo social.

## Referências

BOURDIEU, Pierre. Os Fundamentos históricos da razão in: *Meditações Pascalianas*. Tradução Sergio Miceli. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus. 1996.

BOURDIEU, Pierre. *Coisas Ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

ELIAS, Norbert. *Envolvimento e alienação*. Tradução do inglês por Álvaro de Sá. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1998.

ELIAS, Norbert. e SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2000.

ELIAS, Norbert. *Introdução à sociologia*. Lisboa/Portugal: Edições 70, 2005. ELIAS, Norbert. *O processo civilizador (v.1)*. Trad. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: formação do estado e civilização*. Tradução Ruy Jongmann. Vol. 2. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

FREUND, Julien. *Sociologia de Max Weber*. Tradução de Luís Cláudio de Castro. 5ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

HEINICH, Nathalie. *A Sociologia de Norbert Elias*. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru/SP: Edusc, 2001.

KILMINSTER, Richard. *From distance to detachment: knowledge and self-knowledge in Elias's Theory of involvement and detachment*. In: Loyal e Quilley (eds.), *The sociology of Norbert Elias*. Cambridge: Cambridge University Press.

LANDINI, Tatiana Savoia. *A Sociologia de Norbert Elias*. In: BIB. *Revista brasileira de informação bibliográfica em ciências sociais*, n°. 61. 1°. Semestre. São Paulo: ANPOCS, 2006.